

nos das casas, afim de fornecêr-lhes as ceias; poderá fazer-lhes um abatimento, visto como o querido Baltazar tambem come e consegue assim reunir o útil com o agradável. Diz-me que não tem tendencia para a violencia, para o despotismo; isso é bom: levame a crêr que não tratará mal os freguezes nem os criados. Cita-me tambem a sua qualidade de cabeludo; isso é mau: sempre ha perigo de cair algum cabêlo na sôpa. Felicito-o pelo habito que diz possuir, de caminhar quase sempre com as mãos nas algibeiras: nesta epoca de carteiristas eximios tôdo o cuidado é pouco, tanto mais que os gatunos tambem andam com as mãos nas algibeiras... do proximo.

Regimen culinario que mais convem ao seu temperamento: peixe fresco miudo ou bacalhau, grêlos, arroz e bifêes de cebolada. Quanto a fructas... um pêcego por semana... e está com sorte.

Fuja das comidas frias. No bacalhau, muito alho e pouco azeite.

G. C.

tra a falta de recursos, tem sempre luctado titanicamente pelo pão de cada dia, tem constante e teimosamente remado contra a maré, é, sem duvida alguma, a que fôrma a chamada: Media.

De *Miseria doirada* a alcanhou alguem e muito propriamente.

A classe media, apertada entre o desprezo e a ironia dos abastados, os sarcasmos e a maldição da classe baixa e os ridiculos preconceitos: — uns proprios da classe, outros que lhe são impostos, é bem a *Miseria doirada*; a *Miseria* de gravata lavada, a *Miseria* que não pôde pôr, chale e lenço, ir á fonte, á tenda, praticar enfim, todos os actos de que não pôde prescindir mas que tambem não pôde pagar.

Infeliz classe media!

Não vives, vegetas! E, comtudo, não te assiste o direito de te queixares! Se o fizeres, nada acontas, nada consegues, porque, na tua *Miseria* não se acredita, para ella, não ha olhos, não ha dô, ninguém soccorre, não se remedeia!

BENTO MANTUA.

O teu andar me fascina.
Só qu'ria poder-te amar
Para então muito beijar
Essa bocca pequenina,

ELMIRIO.

*Quem me dera, meu amor,
Contigo deixar a vida,
Que é tanta esp'rança perdida,
Que é tanta miseria e dôr!
Deixar o mundo malvado
E repouzar a teu lado —
Oh! minha amante divina! —
Na mesma covã esquecida,
Tendo á minha bocca unida
Essa bocca pequenina!...*

SIRCOANERA.

N'este mundo tão traidor,
Onde vivo com prazer,
Qu'ria poder-te dizer:
"Quem me dera meu amor
Abraçar-te com fervor,
Beijar, vê lá Etevína,
Essas mãos de pelle fina;
E com teu consentimento,
Oscular n'este momento,
Essa bocca pequenina!"

JOSÉ MARTINHO CLARO.

Já não quero, linda flôr,
Do teu peito o Sentimento...
Morrêr... fugir ao tormento...
Quem me dera meu amor!
Mas ao pobre trovador
De fatal e triste sina,
Consente, mulher divina,
Que em paga do seu soffrêr,
Fossa beijar ao morrêr
Essa bocca pequenina!

MAC-ILBERNO

Motte a glosar

*Senhora dos olhos lindos
Da-me a esmola de um olhar*

PHILOSOPHANDO

De ha tempos a esta parte venho lendo nos jornaes e ouvindo a toda a gente, que a situação está má, a vida impossível, a miseria a dois passos!

Ora má, terrivelmente má, esmagadoramente má, tem sido em Portugal a vida, em todos os tempos, para uma determinada classe.

Essa cathoria de gente que, quer melhorem, quer peiores as finanças do paiz, se tem sempre debatido con-

MUSA GALHOFEIRA

MOTTE

*Quem me dera meu amor,
Essa bocca pequenina.*

Glosas

No teu rosto seductor
Eu qu'ria depor um beijo,
Era esse o meu desejo
Quem me dera meu amor.
E's pra mim uma flôr,
Por ser's airosa e ladina.

2 — FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um policia)

CAPITULO I

O meu amigo

Sam comia pouco, e bebia menos. Bem ao contrario, eu, com o pensamento em Vatel, devorava com avidez de carnivoro a tenra coxa d'uma perdiz, saboreando a intervallos um doce pranto que uma cepa de Collares chorava copiosamente.

N'este instante a mesma creada velha e feia entrou trazendo um telegramma, que o meu companheiro leu e guardou em silencio.

A conversação até alli pouco animada era agora d'uns monosyllabos que alternavam com os ruidos dos pratos e de tal maneira esmoreceu que, após a sobremesa, pareciamos, o meu

amigo e eu, duas estatuas de pedra tocando café.

Evidentemente o telegramma influiu no seu espirito e eu conhecendo-lhe de sobejo o feitio, não me atrevi a interfêr-lhe. A confidencia viria se elle quizesse e quando quizesse.

Decorrido pouco tempo, Sam, no jardim, collocando amigavelmente a mão sobre o meu hombro, dizia no tom mais natural d'este mundo:

—Parto para a America.

Não pude conter um gesto de espanto, que elle dominou com o seu olhar d'aço.

Em breves palavras disse-me tudo. Morrera em New-York seu tio, o archimillionario Jacob, legando-lhe todos os seus immensos bens de fortuna.

E contava-me isto com uma simplicidade que contrastava notavelmente

com a alegria da noticia e a tristeza da causa.

Não sabendo de que maneira devia ser-lhe agradável, limitei-me a perguntar:

—Quando partes?!. . .
Sam tirou flegmaticamente o relógio e respondeu:
—Hoje mesmo.
—Para a America?!.
—Não, para Lisboa.

O *Guyenne* largava a 12 para o Havre. Meia hora antes da saida encontrava-me no Caez das Columnas para a despedida. Sam acabava de chegar seguido por um moço com duas malas de mão. Fez um gesto a um barqueiro que lhe tomou conta da bagagem, olhou-me serenamente, e despedindo-se n'um formidavel aperto de mão exclamou:

—Até á vista.

Metteu-se no pequeno barco que em breves e certas remadas o conduziu até ao *Guyenne*.

E, enquanto este se fazia ao largo, envolto em negros rolos de fumo, eu,



...collocando amigavelmente a mão sobre o meu hombro...